

**Brasilidade e Paulistanidade:  
a obra de Monteiro Lobato entre o nacional e o regional**

Danyllo Di Giorgio M. da Mota\*

**Resumo:** Este trabalho procura discutir o conceito de paulistanidade e estabelecer possíveis relações com a obra de Monteiro Lobato no que tange a formação e nacionalização de uma identidade paulista na obra do autor. Considerando que o conceito de paulistanidade é ainda um problema pouco explorado pela historiografia, buscaremos os indícios de sua origem, seus significados e suas apropriações. Vislumbramos através dessa busca, repensar alguns posicionamentos de Monteiro Lobato e sua relação com os intelectuais de seu tempo no tratamento dos problemas relacionados à Identidade cultural, em uma relação conflituosa entre o regional e o nacional.

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato, regionalismo, paulistanidade.

*Abstract: This study aims to discuss the concept of paulistanidade and to establish possible relations with the work of Monteiro Lobato regarding the formation and nationalization of a paulista identity. By considering that the concept of paulistanidade is as yet little explored by historiography, this study searches for traces of its origin as well as its meanings and appropriations. Through this search I intend to ponder over some positions adopted by Monteiro Lobato and their relation with intellectuals of his time concerning the treatment of problems associated with cultural identity, an identity which stands in a conflicting relation between the regional and the national.*

**Key-words:** Monteiro Lobato, regionalism, paulistanidade.

**Introdução:**

A obra de Monteiro Lobato desperta o interesse de pesquisadores e admiradores devido sua diversidade e o alcance das idéias de seu autor. Uma dessas idéias é a relação entre nacionalismo e regionalismo que caracterizam a obra de Lobato (MARTINS, 1978, p. 115). Apesar de esse ser um tema há muito trabalhado pela historiografia, esse conflito ainda constitui um vasto campo a ser explorado. Um dos pontos que não foram ainda satisfatoriamente analisados compõe o cerne de nossa proposta neste trabalho: a relação do autor com a ideologia da paulistanidade.

---

\* Mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás – UFG.

Nosso ponto de partida no presente trabalho será refletir sobre a forma como a obra de Monteiro Lobato ganha uma dimensão nacional e o autor torna-se um ícone da intelectualidade brasileira ao final da década de 1910.

Vários aspectos contribuíram para essa nacionalização, entre os quais apontaremos alguns que mais se relacionam com a análise que propomos neste trabalho. O primeiro aspecto é a forma como o sucesso editorial de Lobato a partir da publicação do livro *Urupês* contribuiu para a consagração da figura do Jeca Tatu como símbolo do homem nacional. Também destacamos o alcance da visão comercial de Monteiro Lobato que alavancou o mercado editorial brasileiro e possibilitou a ampla divulgação de suas idéias. Soma-se a isso o envolvimento do autor em campanhas de cunho social norteadas pelos objetivos de desenvolvimento econômico e progresso material e cultural do país. Finalmente, podemos apontar a constituição em torno do autor de um campo intelectual a partir da aquisição por Monteiro Lobato da *Revista do Brasil* e da fundação da *Editores Monteiro Lobato & Cia.*, ao final da década de 1910.

O último aspecto apontado é fundamental para pensarmos a relação de Lobato com os intelectuais de seu tempo, sobretudo em São Paulo. Segundo Tânia de Luca, Monteiro Lobato esteve no centro do campo intelectual paulista entre o final da década de 1910 e o início da década de 1920 – período em que comandou a *Revista* e a Editora (LUCA, 2004, p. 148). Como empresário Lobato instituiu uma nova dinâmica à produção, divulgação e distribuição de livros durante o período acima indicado, através de arrojadas e inovadoras estratégias comerciais. Através de sua atividade como editor, ele lançou no mercado diversos nomes que se tornariam célebres no meio intelectual como Lima Barreto, Coelho Neto, Gilberto Freyre dentre vários outros autores. Mais que uma casa editora, a *Revista do Brasil* tornou-se um lugar de sociabilidade intelectual. O ponto de encontro e de contato entre os mais variados tipos de intelectuais (LUCA, 2004, p. 146).

Lobato tornou-se o homem de letras mais representativo de sua época. Seu sucesso editorial possibilitou a repercussão de suas obras por diversas regiões do país, adquirindo uma condição de nacional não obstante o conteúdo regionalista de seu pensamento. Tânia de Luca aponta que isso deveu-se ao fato de Lobato ter sido um dos poucos autores que lograram reconhecimento além das fronteiras locais (LUCA, 2004, p. 145). Mas esse sucesso deve-se mais ao encontro de caminhos para a divulgação de suas obras através de sua aguçada visão comercial aliada ao pragmatismo aplicado por Lobato na

condução de seus empreendimentos culturais, o que definitivamente o destacou no interior do campo intelectual.

Considerando que este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla que visa refletir sobre os posicionamentos de Lobato em relação ao campo intelectual paulista entre as décadas de 1910 e 1920, buscamos aqui problematizar sua relação com a consolidação da imagem de São Paulo como a ‘locomotiva do Brasil’. A questão não é apenas e mais uma vez demonstrar que a obra de Lobato está envolta por essas relações entre nacionalismo e regionalismo. Nosso objetivo é buscar as relações entre o autor e sua obra com uma construção ideológica arquitetada pela elite intelectual paulista durante as primeiras décadas do século XX – a ideologia da paulistanidade – que ainda não encontram-se satisfatoriamente esclarecidas, em muito devido às transformações internas na obra de Lobato que dificultam a identificação do autor uma corrente intelectual específica.

### **O conceito de Paulistanidade:**

Para alcançar os objetivos de estabelecimento das relações entre a obra de Lobato com a ideologia formulada pela elite intelectual paulista durante as décadas de 1910 e 1920, torna-se indispensável recompor o roteiro percorrido pelo conceito de paulistanidade, buscando suas origens, suas significações e suas apropriações.

Acompanhando o desenvolvimento econômico alcançado por São Paulo a partir da década de 1910, a elite intelectual paulista<sup>1</sup>, emersa dos grupos ligados à oligarquia cafeeira, tomou para si a missão de afirmar simbolicamente a imagem de São Paulo como o novo centro político, econômico e cultural do país e a região a partir de onde dever-se-ia forjar uma identidade nacional. Segundo Cerri (CERRI, 1998), a reformulação do Museu do Ipiranga durante a primeira década do século XX constitui um importante momento de afirmação da ideologia da paulistanidade. Sob a direção de Afonso d'Escragnolle Taunay, montou-se no museu um conjunto alegórico no qual era acentuada a hegemonia paulista perante a nação com o fortalecimento do mito do bandeirante (SANDES, 2003, p. 98).

Desde o início de sua produção a obra de Lobato encontrou-se envolta na relação entre nacionalismo e regionalismo, como indica Wilson Martins, em muito devido sua divulgação através do sucesso do personagem Jeca Tatu. Nesse sentido a obra lobatiana exemplifica o embate que movimentava as várias regiões do país. A necessidade de

---

<sup>1</sup> Cerri aponta alguns dos intelectuais que mais se destacaram na tarefa de afirmação da ideologia da paulistanidade: Alberto Sales, Afonso d'Escragnolle Taunay, Souza Lobo, Paulo Prado, Paulo Duarte, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Aureliano Leite e Alfredo Ellis Jr. (CERRI, 1998).

afirmação da nação brasileira após o término do período imperial revela-se pelo conflito entre as diferentes regiões que buscavam afirmar suas características mais particulares como reveladoras da essência da nacionalidade brasileira. Essa busca de afirmação também ocorreu de maneira muito forte no Rio de Janeiro e no Nordeste – instituído ideologicamente por seus intelectuais como uma unidade geográfica e cultural – e em outras regiões cujas caracterizações obtiveram menor alcance. Também os intelectuais paulistas buscaram a afirmação de seu ponto de vista definindo a nação como uma criação de São Paulo (SANDES, 2003, p. 90).

Segundo Luca, os intelectuais sempre se consideraram dotados de especial aptidão para dar conta do real. A partir desse papel assumido pelos intelectuais, cabe esclarecer, segundo a autora, não só os valores subjacentes de suas apropriações simbólicas como também ressaltar os grupos e interesses concretos aos quais eles se vincularam (LUCA, 2004, p. 30). A partir dessa idéia apontaremos as definições do conceito de paulistanidade que representa o empenho dos intelectuais radicados em São Paulo e de diversas formas ligados aos interesses dos grupos dominantes de afirmar a posição central do Estado em relação a outras regiões do país.

O conceito de paulistanidade é definido da seguinte forma por Luis Fernando Cerri (CERRI, 1998):

*“A ideologia da paulistanidade, como parcela da ideologia da classe dominante com características regionais, expressa-se desde a ciência - destacando aí a produção historiográfica paulista - até o folclore, passando pelo senso comum. Engloba o imaginário social e as mitologias, especialmente no que se refere às identidades "geográficas" (região e nação). Cumpre parte da função mais ampla do discurso ideológico, que é o de forjar outras identidades que não as de classe”.*

Percebemos então a ligação entre o trabalho intelectual através de diferentes instrumentos que estendem-se desde a produção historiográfica – aqui representativa do conhecimento científico – até o folclore e o senso comum. As idéias trabalhadas nessas três esferas constroem imaginários e afirmam a identificação entre o povo e sua região através da criação de tradições e mitos. Ainda segundo Cerri (CERRI, 1998):

*“A paulistanidade é a ideologia produzida pela oligarquia paulista que consiste na criação de uma identidade de ordem regional, valorizando a condição de pertencente ao Estado (numa operação de homogeneização, nível das idéias, de*

*seus habitantes), ao mesmo tempo em que institui uma série de valores e características como próprias da condição de paulista e, para sacramentar essa construção, oferece uma explicação para essa situação por meio do recurso à História Regional, que aponta o bandeirante como ancestral, civilizador, patriarca do paulista”.*

A idéia de paulistanidade é tecida através da literatura, da historiografia, do folclore, dos mitos dos heróis fundadores, da instituição e comemoração das datas que marcam os grandes acontecimentos cívicos da “nação paulista”. Afirma-se ideologicamente a superioridade de São Paulo por seu desenvolvimento econômico, a grandeza de seu povo por seu comprometimento com o trabalho, a ligação entre o Estado e os grandes momentos da história pátria. A partir disso urge a necessidade de indicar para as outras regiões do país o caminho a ser trilhado para alcançar os objetivos de progresso e modernidade.

A paulistanidade é então, sobre um ponto de vista inicial, caracterizada por uma visão extremamente positiva de valorização do Estado de São Paulo e da identidade de seu povo, de seu comprometimento com os ideais de progresso e modernidade e de sua missão de conduzir as demais regiões do país.

Contudo, além dessa perspectiva positiva indicada por Cerri, há ainda a presença do preconceito em relação aos representantes de outras regiões do país, conforme indicado por Eliza Bachega Casadei. Segundo a autora, a Paulistanidade exalta o orgulho de ser paulista, mas também o preconceito em relação a outras regiões do país, como o Nordeste (CASADEI, 2008). Esse preconceito está ligado a uma visão do trabalhador brasileiro como incapaz de atender às necessidades de produção, sobretudo no meio rural, que conduziria o Brasil à modernidade. Tanto que a idéia de valorização da condição de paulista está mais ligada ao povo da cidade de São Paulo que à população do interior do Estado.

A ideologia da paulistanidade tem assim duas vertentes. A primeira de extrema valorização da condição de filho de São Paulo, que transforma as derrotas em vitória como ocorre com as memórias da Revolução Constitucionalista de 1932 (CASADEI, 2008). Em outro extremo tal ideologia baseia-se na desvalorização e negação do “outro” para a afirmação do “eu”. A identidade paulista é forjada então a partir da indicação dos pontos “negativos” daqueles que não pertencem a essa “raça de gigantes”.

### **Relações da obra com o conceito:**

Indicados os principais pontos que definem o conteúdo da ideologia da paulistanidade, passemos agora às possíveis relações entre a sistematização dessas idéias com a obra e atuação intelectual de Monteiro Lobato. Levantemos alguns pontos que demonstrem a forma como o papel desempenhado por Lobato no meio intelectual e as idéias que defendeu revelam suas relações com o desenvolvimento da ideologia da paulistanidade durante a década de 1920.

Um primeiro ponto a ser destacado é o fato de a nacionalização das obras de Lobato devido seu sucesso editorial corresponder à nacionalização de uma identidade ligada a São Paulo, ou mais especificamente a uma região do Estado que é o vale do Paraíba. Essa imagem está associada ao personagem Jeca Tatu que, apesar de suas características negativas, identificam a população dessa região – assim como indicado por Lobato no texto *Urupês* – e ganha dimensão de identificação do homem nacional.

A perspectiva preconceituosa presente na obra de Lobato pode aproximar-se da visão que acima apontamos como uma das características da ideologia da paulistanidade – a identificação através da negatificação da imagem do outro. O interessante nesse contexto é que o “outro” não é o indivíduo originário de outra região do país. O caipira está no interior de São Paulo, mas não comunga dos objetivos de modernização que caracteriza os intelectuais paulistas nesse período. O preconceito contra o caipira aproxima-se do preconceito ao nordestino ligado à visão da mão-de-obra nacional como incapaz de prover as necessidades da cultura extensiva (CASADEI, 2008; MONICA, 1992, p. 105).

A preocupação com a idéia do trabalho, como demonstrado na obra de Márcia Naxara, é uma das tônicas da paulistanidade. Assim o preconceito contra o nordestino volta-se na obra de Lobato contra o caipira, exemplo da incapacidade de produção. Tal imagem torna-se marca do homem nacional. Essa nacionalização da imagem do Jeca Tatu representa a incapacidade das outras regiões do país de acompanhar o desenvolvimento e o progresso material que só era possível para São Paulo. Nesse momento a população do interior paulista é um empecilho para o maior desenvolvimento do Estado. Como destaca Luca, essa perspectiva inicial da obra de Lobato – a desqualificação – assemelha-se ao olhar estrangeiro (LUCA, p. 142). O caipira encontra-se desterrado.

Mas se o caipira não era o paulista que representava o progresso, quem era esse paulista na obra de Lobato? O paulista era o oposto a tudo aquilo que o caipira representava. O caipira era sua própria negação. Esse foi um dos grandes problemas enfrentados por Lobato no meio intelectual paulista, pois suas idéias iam de encontro com as imagens do

brasileiro e do paulista ideal formuladas pelos movimentos de vanguarda. Esse foi um dos pontos que afastaram Lobato desses grupos que muitas vezes apontaram o autor como um homem anti-moderno, atrasado e retrogrado. As características do paulista revelam-se depois que o Jeca é curado. As campanhas sanitaristas representam a reconciliação de Lobato com a idéia de paulistanidade, pois, a partir da cura, o personagem demonstra todos os valores da grandiosidade paulista.

A alteração na obra de Lobato representa assim a reconciliação do autor com a ideologia da paulistanidade em seu sentido de valorização da condição de filho de São Paulo. Entretanto essa valorização é apenas relativa. Apesar das transformações em sua obra, uma idéia é constante no pensamento lobatiano. Em Urupês o homem encontra-se em uma relação de dependência com a natureza sendo considerado por Lobato como o culpado por sua improdutividade e atraso (LOBATO, 1994, p. 161). Essa culpa será retirada do homem simples do campo. Esse passa a ser visto como doente, necessitando da assistência do Estado para sanar seus males e ingressar no mundo do trabalho da forma como o Brasil necessitava (LOBATO, 1964, p. 300).

Essa nova visão revela uma valorização do homem paulista, mas ainda persiste uma característica: o povo é visto sobre uma ótica mais positiva, mas Lobato destaca a natureza como superior na relação com o homem. A grandeza de São Paulo passa antes pela riqueza e generosidade de sua natureza que pela capacidade produtiva do seu povo<sup>2</sup>.

Da mesma forma Lobato também constrói uma imagem de homem preocupado com os caminhos da nação. O autor aproxima-se dos “intelectuais da paulistanidade” ao pensar um futuro para a nação a partir de São Paulo. Um exemplo dessa relação é a *Revista do Brasil*, que foi o empreendimento cultural de maior prestígio antes de 1930. Segundo Miceli, a *Revista* tornou-se um marco na história da hegemonia paulista no campo intelectual (MECELI, 2001, p. 90). Sob a direção de Lobato a partir de 1918, a *Revista* seguiu seu objetivo de “constituir um núcleo de propaganda nacionalista”, como destacado no editorial de seu primeiro número, ainda sob a direção de Julio de Mesquita (LUCA, 1999, p. 46). E esse nacionalismo foi moldado a partir dos traços da paulistanidade.

---

<sup>2</sup> Decidi por não me estender nessa discussão para não fugir ao tema proposto nesse trabalho. Essa idéia está mais bem desenvolvida em meu artigo *Entre o Homem e o Espaço: o regionalismo de Monteiro Lobato* disponível nos anais do: XXIV Simpósio Nacional de História da ANPUH - História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos, v. 1. São Leopoldo – RS: UNISINOS, 2007, p. 155.

### Conclusão

A importância de pensar a relação da obra de Monteiro Lobato com a ideologia da paulistanidade e do próprio autor com os intelectuais de seu tempo, em um primeiro momento, parece um problema já resolvido. Isso é devido à percepção do regionalismo indisfarçável da obra de Lobato. Contudo, esse torna-se um problema interessante ao considerarmos que ainda há um longo caminho a percorrer na reflexão sobre tais relações entre a obra de Lobato e a ideologia da paulistanidade. Há muitos pontos a serem esclarecidos devido às características particulares da obra e das ações de Lobato, não raras vezes apontadas como contraditórias.

Com esse trabalho buscamos iniciar uma discussão que não se encerra aqui. Essas são apenas considerações iniciais que nos permitirão encontrar caminhos para esclarecer as relações de Lobato com os intelectuais e as idéias de seu tempo e assim percebermos de forma mais clara que as idéias defendidas pelo autor eram frutos de seu tempo. O autor é assim também um homem em seu tempo, não estando excluído ou imune a ele.

A fundamental relação entre a obra de Monteiro Lobato – seu conteúdo e o acompanhamento e afastamento dos temas que caracterizam a ideologia da paulistanidade – aliado à investigação das relações estabelecidas pelo autor com os intelectuais que se destacaram na composição, afirmação e transmissão de tal ideologia são caminhos possíveis para recolocar o autor em seu devido tempo.

### Bibliografia:

CASADEI, Eliza Bacheга. A Censura contra a Paulistanidade: a atuação do Departamento de Diversões Públicas sobre a peça Este Ovo é um Galo. Revista Anagrama, ano 1, edição 3, São Paulo, Março/Maio de 2008. Disponível em <http://www.usp.br/anagrama/editorial3.pdf>. Acessado em 09/05/2008.

CERRI, Luiz Fernando. “Non Ducor, Duco: A ideologia da paulistanidade e a escola”. Revista Brasileira de História, volume 18, número 36, São Paulo, 1998. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881998000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000200007). Acessado em 10/04/2008.

LOBATO, Monteiro. *Conferências, Artigos e Crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOBATO, Monteiro. *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1994.



LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: UNESP, 1999.

LUCA, Tânia Regina de. Monteiro Lobato: estratégias de poder e autor representação n'A barca de Gleyre. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 139 – 162.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira: 1915 - 1933*. v. VI. São Paulo: Cultrix, 1978.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NAXARA, Márcia R. C. “Estrangeiro em sua Própria Terra”. AnnaBlume/FAPESP. São Paulo. 1998.

SANDES, Noé F. “A Invenção da Nação: Entre a Monarquia e a Republica”. Goiânia, UFG, 2003.